

## METODOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DA IMAGEM MENTAL DO PERCURSO ACADÊMICO

Pedro Augusto Alves de Inda <sup>1</sup>

Nilda Stecanela <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Muito além da sala de aula, é na experiência acadêmica que se realiza a formação integral no ensino superior. Dewey (1935) esclarece a importância da experiência e o cuidado com a organização e sistematização do conhecimento para o aprendizado, que é na continuidade e interação entre os dois que ele se realiza. Para isso acontecer no ensino superior, antes é necessário desenvolver competências, habilidades e autonomia que não se tinha, um período de adaptação ao ingressar definido por Coulon (2008) como de afiliação. Então, o aprendizado será constituído por uma série de fatores que precisam fazer sentido para o estudante, ele deve compreender como conseguiu aprender um todo maior a partir das partes experimentadas.

Este estudo procura entender como os estudantes constroem, ou não, esse todo coerente a partir do conjunto de partes que podem ir compondo, hoje oferecidas em escala antes nunca vista, num período em que o ensino superior sofre pressões por sua exploração como mercadoria e impacto da tecnologia no ensino, pelas às mudanças políticas e sociais que colocam em cheque a antes indiscutível hegemonia das universidades. (SOUSA SANTOS, 2004)

No caso das universidades comunitárias (ICES), que se identificam como públicas não-estatais, sem fins lucrativos, e atuam em prol do desenvolvimento regional e da sociedade, o conflito entre a sua natureza privada e sua atuação pública explica que ela compete no mercado com instituições mercantis para conseguir sua sustentabilidade econômica. (LONGO, 2019) E essa pressão que as IES mercantis fazem concorrendo pelos estudantes nas suas regiões e o expressivo aumento da oferta em cursos EAD têm imposto dificuldades que não existiam antes da LDB de 1996. (BITTAR; OLIVEIRA; MOROSINI, 2008) Soma-se a isso o impacto do mundo digital na educação que tem obrigado as universidades a se inovarem constantemente.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul - RS, [paainda@ucs.br](mailto:paainda@ucs.br);

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, [nstecane@ucs.br](mailto:nstecane@ucs.br).

Nesse cenário, o ensino desagregado ganha espaço pois permite maior flexibilidade, assim, essa pressão sobre o ensino superior pode estar fazendo com que a experiência acadêmica seja cada vez mais desagregada. E para que algo tenha legibilidade é necessário que as partes sejam compreendidas num todo coerente, (LYNCH, 1999), será que os estudantes, nessas condições, conseguem perceber o todo de sua formação?

Compartimentar o conhecimento em disciplinas é uma alternativa que aos poucos foi construindo um ensino que permite que o todo seja apenas o resultado da soma das partes. Desde que as políticas neoliberais que ganharam força, com forte justificativa nas pedagogias de ensino mais contemporâneas, que buscam dar autonomia ao estudante, criou-se um solo fértil para o que se conhece como o fenômeno da desagregação, permitindo que se separe as partes constituintes do ensino, em todos os seus níveis e escalas, e que na ponta desse fenômeno o estudante pode acessar os pedaços do ensino superior que lhes é ofertado do modo que lhe convier. (McCOWAN, 2018).

A desagregação não é prejudicial em si, mas o fenômeno da desagregação tem precarizado o ensino e a possibilidade da experiência acadêmica, pois o estudante pode simplesmente ir compondo seu curso superior com um conjunto de partes desconexas, sem a construção de um todo coerente. E se não há aprendizado sem emoção, como nos ensina Paulo Freire (1996), então o ensino precisa vir carregado de sentido, e, como se pode fazer isso nesse momento que o fenômeno da desagregação impacta em todos níveis do ensino superior, desde a desagregação dos cursos até as estruturas fundamentais da universidade? Como os docentes podem cumprir seu papel de educadores e não de vendedores ou facilitadores de disciplinas?

## **METODOLOGIA**

O trabalho é um estudo de caso numa ICES do sul do país, método indicado para análises que precisam construir numerosos dados para apreender a totalidade de uma situação, (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977) definido como uma investigação empírica de um fenômeno dentro de contexto social onde o limite entre esses ainda não está claro e o pesquisador possui pouco controle sobre os eventos estudados, (GOODE; HATT, 1979) sendo particular, descritivo, explicativo e indutivo e por isso, o pesquisador ser um sujeito implicado auxilia na pesquisa, (MARTINS FILHO; NARVAI, 2013) sendo, neste estudo, um objeto de estudo e múltiplas unidades de análise - único incorporado. (YIN, 2001)

A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovada sob o CAAE nº 69285823.7.0000.5341, uma vez que tem a participação dos estudantes.

Para tal, iniciou-se uma coleta e análise de dados da ICES no que diz respeito ao impacto do fenômeno da desagregação na mobilidade discente, pois a possibilidade de ir trocando de IES e curso impacta diretamente na experiência acadêmica. Consiste em analisar o que foi definido como IIM (Índice Inicial de Mobilidade - razão do ingresso no início do curso pelo de transferência externa). Esse procedimento mostra a mobilidade entre IES para obter, principalmente, vantagens econômicas, e o IAM (Índice Ampliado de Mobilidade - razão do ingresso no início do curso pela ingresso por transferência e as reopções), que inclui as reopções dentro da IES, para observar também como o processo de afiliação acontece com a facilidade de mobilidade. Ademais, evidencia um aspecto mais sócio-cultural do fenômeno da desagregação, mesmo que econômico, pois pressiona as ICES a terem o máximo de disciplinas compartilhadas e de formação geral para competir com as IES mercantis.

A seguir se procura identificar como o estudante constrói e percebe sua experiência acadêmica com o uso do mapa mental do percurso acadêmico, que é uma metodologia construída a partir dos estudos da percepção ambiental para identificar que elementos na cidade os seus usuários guardam memória e utilizam efetivamente para compreender a cidade. Sua riqueza está em trazer, de qualquer entrevistado, os elementos marcantes no meio urbano, que nas nossas cidades contemporâneas são diversos e muitas vezes desconexos, ou seja, que partes do todo conseguem entender. (LYNCH, 1999) Esse mapa pode nos dar a percepção do estudante dos momentos onde a aprendizagem foi mais efetiva, com experiências marcantes.

A construção desse mapa pode nos dar a percepção do estudante dos momentos onde a aprendizagem foi mais efetiva, com experiências marcantes. Como o objetivo do estudo é identificar a imagem mental que os estudantes fazem do seu percurso formativo, o primeiro passo é efetivamente eles desenharem e descreverem seu mapa mental. Para isso o procedimento é análogo ao para fazer os mapas mentais das cidades, pois a complexidade é bem similar.

Lynch (1999) descreve o procedimento para coleta do mapa mental que consiste que o entrevistado desenhasse um mapa esquemático da cidade em questão e descrevesse alguns pontos marcantes e trajetos ou percursos feitos. Esse procedimento busca na memória as partes mais expressivas e vivas, indicando pontos com maior legibilidade e imaginabilidade.

Isso é feito entregando uma folha em branco com apenas algumas instruções, que consiste em uma sequência de sugestões/perguntas, como roteiros que o entrevistado faz pela cidade, para ajudar na elaboração. Após o entrevistado concluir, o entrevistador pode interagir, mas, apenas para perguntar pontos que não identifica ao ler o mapa, e anotar as

respostas, como, por exemplo: “esse ponto que marcou, o que é?”, “essa linha ondulada o que significa?” e anota a resposta para análise posterior, sem interferência no mapa.

Com uma amostra de mapas o pesquisador pode, então, elaborar um mapa síntese identificando os elementos citados nos mapas mentais, e as vezes que se repetem, para identificar quais padrões e singularidades, identificando como as pessoas se orientam na cidade, e, como compreendem um todo nesse conjunto de partes desconexas que nossas cidades se transformaram.

Esse é o ponto que os dois estudos têm de comum, pois o ensino superior impactado pelo fenômeno da desagregação pode ter um percurso composto de de um grande número de partes desconexas, como a cidade contemporânea, e, então, como o estudante encontra um todo coerente nesse conjunto? Assim, um mapa mental do percurso formativo pode ajudar a identificar vivências comuns aos estudantes, como eles construíram um todo coerente, ou não, a partir do conjunto das partes experimentadas.

Após a aplicação do instrumento, pode ser feita a síntese do que foi representado nos mapas mentais do percurso formativo para identificar, comparando os mapas, experiências marcantes recorrentes que efetivaram a afiliação ao curso, o aprendizado efetivo, e outros, que nos apontará eventuais padrões e as singularidades no percurso para constituir um todo coerente a partir das partes.

De posse dos mapas, se procede a análise do percurso a partir do estudo de currículo, verificando como o estudante cursou cada disciplina prevista, identificando se houve o aproveitamento das partes de outras IES. Assim, se poderá saber como cada conteúdo previsto foi cumprido e onde o estudante realmente percebeu sua aprendizagem, identificando padrões recorrentes e o que é específico. Então será possível construir um instrumento de apoio aos docentes para auxiliar os estudantes a construírem um esse todo coerente, mesmo que constituído a partir de partes até certo momento desconexas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os primeiros dados trouxeram números interessantes sobre a mobilidade acadêmica. O IIM de 2010 a 2015 (média de 10,5%) quase dobrou até 2020 (19,5%) e o IAM foi de 13,4% para 29,6% no mesmo período. Ou seja, quase 30% dos estudantes que ingressaram teriam o curso construído com partes de outros. Esses dados apontam há um incremento de mobilidade na ICES e ele coincide com o período que a oferta do ensino superior vem aumentando significativamente no setor privado, ampliando de 70,1% (2.760.759 matrículas), em 2003, para 75,7% (6.075.152 matrículas) em 2015 (SANTOS FILHO, 2016:72), que nos permite

associar esse aumento de mobilidade pela oferta no mercado, que evidencia o fenômeno da desagregação.

Num primeiro teste, os mapas mentais vieram bem descritivos, com esquemas que organizam o percurso e desenhos representando emoções, o que se mostrou bem rico para compreender a imagem que eles fazem de sua experiência no ensino superior. Identificaram pontos comuns marcantes no curso, como o estágio curricular e os extracurriculares, disciplinas práticas, a vivência com colegas e ganho de autonomia ao longo da jornada, apontando os momentos das escolhas pessoais e passagens por outros cursos.

A análise de percurso, verificou o que e quando ele cursou, e se teve aproveitamentos. Comparado com o mapa mental foi se identificando os pontos comuns, que indicam padrões onde a vivência foi mais efetiva para a maioria, e pontos específicos, que são das escolhas e dificuldades individuais de cada um. Com a aplicação desses instrumentos numa amostragem maior poderá se proceder a concepção do instrumento de apoio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho está em fase final, mas pelos índices de mobilidade identificados já foi possível perceber com bastante clareza o grande impacto e escala do fenômeno da desagregação na ICES em estudo. Se considerarmos que a ICES mantém uma posição de maior reconhecimento, pode supor que as demais IES que atuam na região esse índice seja ainda maior, o que nos dá uma ideia do que o ensino superior está vivendo nos últimos anos.

Para que se possa identificar como os estudantes se orientam nesse cenário, os primeiros mapas mentais trouxeram contribuições já bem efetivas que apontam que sim, apesar de tudo, pelo menos após ingressar na ICES em estudo, que se propõe a oferecer ensino de qualidade, os estudantes parecem conseguir fazer sua afiliação e efetivar o processo de continuidade e interação.

Enfim, o estudo parece trazer elementos bem interessantes para a discussão da crise que o ensino superior vive, não apenas no Brasil, mas no mundo de um modo geral, pois o fenômeno da desagregação é globalizado, então, identificar como os estudantes percebem sua trajetória pode ser um conhecimento útil desde a concepção de projetos pedagógicos, que consigam articular-se melhor com o cenário atual, a orientação dos acadêmicos, para que tenham uma vivência mais rica e com sentido de todo.

**Palavras-chave:** Ensino superior, Fenômeno da desagregação, Experiência acadêmica.

## REFERÊNCIAS

BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília. **Educação superior no Brasil - 10 anos pós-LDB**. Brasília: INEP, 2008.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

LONGO, Isaura Maria. **Identidade das Universidades Comunitárias no Contexto das Políticas Educacionais para Ensino Superior**. Itajaí: Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, Curso de Doutorado em Educação, UNIVALI, 2019. Tese

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 2.ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.

MARTINS FILHO, Moacir Tavares; NARVAI, Paulo Capel. **O sujeito implicado e a produção de conhecimento científico**. Rio de Janeiro: Saúde em Debate, v. 37, n. 99, p. 646-654 out/dez 2013.

McCOWAN, Tristan. **A desagregação do ensino superior**. Revista Eletrônica de Educação, v. 12, n. 2, p. 464-482, maio/ago. 2018.

SANTOS FILHO, João Ribeiro dos. **Financiamento da educação superior privado-mercantil: incentivos públicos e financeirização de grupos educacionais**. Belém: Programa de Pós-graduação em Educação, UFPA, 2016. Tese.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A Universidade no Séc. XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2ª ed., 2005. Coleção questões na nossa época, vol 120.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001